

Cartas dos jesuítas do Oriente e do Brasil (1549-1551). Ed. Fac-similada. Apresentação de José Manuel Garcia. Lisboa: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1993.

1. **Copia de una carta que embió de la India el padre Enrrique Enrriquez, de la companhia de Iesu al padre maestre Simon prepósito de la dicha cõpañia en Portugal, y a los Hermanos de Iesu de Coimbra, tresladada de Portugues en Castellano. Recebidas el año de MDLI.**

O ano passado escrevi a V.R duas cartas de diferentes matérias, e uma em que lhe dava conta do fruto que mediante a graça de Deus se fazia no cabo de Comorim, não fui lá por voltar a nau em que ia; e também enviava uma gramática Malabar que também voltou, assim a carta, como a arte torno a enviar.

[...] Por algumas cartas que escrevemos creio saberão aí o grande exercício que se tem aqui em ensinar as orações, porque há em cada lugar quem ensine, e quem ajunte os meninos, e meninas, e para isto há cada ano certo dinheiro deputado. Aprendem as orações em Malabar, e também o Pater noster, e Ave Maria em latim; leva-se trabalho em os fazer bem pronunciar, mas com ajuda do Senhor pronunciam razoavelmente; de maneira que quando os portugueses os ouvem dizer o Pater noster e Ave Maria, às vezes afirmam que eles mesmos não o fazem tão bem. As meninas vêm pela manhã, e estarão duas horas, e às vezes mais; os meninos vêm à tarde; e é para dar graças a Deus em ver como aprendem as orações. Depois que estes homens nossos irmãos ensinam nestes lugares sentimos que estes meninos nos têm muito amor, e criam-se com a ajuda de Deus fora dos errores e seitas de seus pais na fé de Cristo Jesus nosso senhor. Se eles boamente podem quebrar algum ídolo creia V.R. que o fazem, e nos incitam para isso. Este ano passado houve muita esterilidade nestas partes da pescaria por não chover, e sem embargo disto se refizeram muitas igrejas, e outras se fizeram de novo em parte onde não as havia.

[...] E aí saberá do colégio de Goa, e dos irmãos que há nele, porque temos novas que aproveitam muito e se vão chegando, ou são semelhantes aos irmãos de Coimbra. As cartas que eles nos escrevem, certo nos edificam muito. Porque as ocupações são muitas, e não podemos particularmente escrever aos irmãos de Coimbra: terão esta por sua, aos quais peço cada dia acrescentem mais seus desejos de vir a estas partes, porque nelas acharão tudo o que quiserem, e por que o vejam, na costa da Pescaria onde estou, se quiserem recolhimento, aqui temos aparelho para isso; se quiserem peregrinar, há muito lugar para isso, com correr mais de setenta léguas na visitação dos cristãos. Se quiserem aprender a língua, e a ler e escrever malabar, facilmente o podem fazer com a arte que está feita; e com o exercício que acharão de não falar senão malabar. Se quiserem padecer trabalhos, aosadas [?] que há aqui matéria para isso, se quiserem ser maltratados dos infieis e padecer por Cristo, já viram como o Senhor querendo galardonar o bom padre Antônio lhe mataram os badegás¹. Ambrósio

¹ Habitantes do reino de Bisnaga.

foi cativo dos gentis, e bem maltratado, e em perigo de lhe fazer muito mais mal, e o matar: é grande o processo do que passou, o senhor o livrou para se servir ainda dele. O irmão Baltazar foi preso dos badegás, e os cristãos, *cum gladiis & sustibus*, o tiraram de suas mãos. A mim também remeteu um badegá com uma arma da terra, que é como punhal, e um seu companheiro, que com ele vinha se pôs no meio, que se isto não fora não sei se poderia escrever esta agora. Pela maior parte nos livra Deus a todos de tais encontros, salvo quando quer dar o prêmio a quem o tem bem merecido, como ao padre Antônio. Também se quiserem hospital em que sirvam em officios de humildade e caridade aqui o têm. Se quiserem muitos irmãos com que se consolem, ainda que não os acharão aqui juntos, como há em Coimbra: acharão outros da terra que ensinam pelos lugares: que poderá ser lhes dê tanta edificação e consolação, que se olvidem algum tanto a solidão de nossos irmãos. Porque é grande espanto ver homens da terra tão amigos do senhor, e que tanto nos ajudam. Se quiserem comer mal, aqui há suficiente disto. Se os fracos quiserem ou tiverem necessidade de outros mantimentos, também pela bondade do senhor estamos providos. Se quiserem campo em que exercitem a caridade e seus fervores, aqui o há muito. Se quiserem disputar com os gentios e mouros, ainda que eles andam temerosos de disputar conosco, eu sei os buscar.

Assim que pela bondade do Senhor de tudo aqui acharão, por tanto ninguém se escuse. E também se quiserem consolações de verdade que há aqui muitas, e tantas que não o sei dizer. Portanto, vinde padres e irmãos meus, e não somente os que estais na Companhia, mas também aos que estão por fora [...] Outra vez lhes peço que venhais, pois tantos vêm buscar dinheiros. Cesso rogando a Deus nosso Senhor, nos dê a todos graça com que perfeitamente façamos sua santa vontade. Deste Cochim, hoje doze de Janeiro de MDLI.

2. Cópia de umas cartas enviadas do Brasil pelo padre Nóbrega da Companhia de Jesus, e outros padres que estão debaixo de sua obediência: ao padre mestre Simão prepósito da dita companhia em Portugal: e aos padres e irmãos de Jesus de Coimbra. Tresladados de português em Castelhana. Recebidas o ano de MDLI.

A informação que de estas partes do Brasil lhes posso dar, padres e irmãos caríssimos, é que tem esta terra mil léguas de costa, toda povoada de gente que anda desnuda, assi mulheres, como homens, tirando algumas partes mui longe de onde estou, onde as mulheres andam vestidas ao traje de Ciganas com panos de algodão, pela terra ser mais fria que esta, a qual aqui é mui temperada. De tal maneira que o inverno não é frio, nem quente, e o verão ainda que seja mais quente, bem se pode sofrer: mas é terra muito úmida, pelas muitas águas, que chove em todo o tempo muito frequentemente. Pelo que as árvores e as ervas estão sempre verdes: e por isso é a terra mui fresca. Em partes é muito áspera, pelos montes e matos que sempre estão verdes. Há nela diversas

frutas, que comem os da terra, ainda que não sejam tão boas como as daí: as quais também creio se dariam aqui, se se plantassem. Porque vejo dar-se para umas, e ainda duas vezes no ano: mas são poucas, por causa das formigas, que fazem muito dano assi nisto, como em outras coisas. Cidras, laranjas, limões dão-se em muita abundância: e figos tão bons como os daí. O mantimento comum da terra é uma raiz de pau, que chamam mandioca: do qual fazem uma farinha, de que comemos todos. E dá também milho, o qual mesclado com a farinha faz um pão, que escusa o de trigo. Há muito pescado, e também muito marisco, de que se mantêm os da terra, e muita caça de matos, e de gansos que criam os índios. Bois, vacas, ovelhas, cabras e galinhas se dão também na terra; e há deles muita quantidade. Os gentios são de diversas castas, uns se chamam Goianases, outros Carijós. Este é um gentio melhor que há nesta costa: aos quais foram não a muitos anos dois frades castelhanos a os ensinar, e também tomaram sua doutrina, que tinham já casas de recolhimento para mulheres, como monjas, e outras de homens, como de frades. E isso durou muito tempo, até que o demônio levou ali uma nau de salteadores, e cativaram muitos deles. Trabalhamos por recolher os salteados: e alguns temos já para os levar a sua terra, com os quais irá um padre dos nossos. Há outra casta de Gentios que se chamam Gaimorés: e é gente que habita pelos matos. Nenhuma comunicação têm com os cristãos: pela qual se espantam quando nos veem, e dizem, que somos seus irmãos, por quanto trazemos barba como eles. A qual não trazem todos os outros, antes se raspam até as pestanas, e fazem buracos nos beiços e nas ventas dos narizes, e põem uns ossos neles, que parecem demônios, e assi alguns, principalmente os feiticeiros, trazem o rosto cheios deles. Estes gentios são como gigantes. Trazem um arco mui forte na mão, e na outra um pau mui grosso com que pelejam com os contrários, e facilmente os despedaçam, e fogem para os matos, e são mui temidos entre todos os outros. Os que comunicam conosco ategora, são duas castas: uns se chamam Tupeniqués, e os outros Tupinambás. Estes têm casas de palmas muito grandes, e delas em que posam cinquenta Índios casados, com suas mulheres e filhos. Dormem em redes de algodão sobre si junto dos fogos, que em toda a noite têm acendidos assi pelo frio, porque andam desnudos, como também por os demônios, que dizem fugir dos fogos; por qual causa trazem tições de noite, quando vão fora.

Esta gentilidade a nenhuma coisa adora, nem conhecem a Deus somente aos trovões chamam tupana, que é como quem diz coisa divina. E assi nós não temos outro vocábulo mais conveniente, para os trazer a conhecimento de Deus, que chamar-lhe padre Tupana. Somente entre eles se faz umas cerimônias da maneira seguinte. De certos em certos anos vêm uns feiticeiros de longas terras, fingindo trazer santidade; e ao tempo de sua vinda lhes mandam limpar os caminhos, e vão a os receber com danças e festas segundo seu costume, e antes que cheguem ao lugar, andam as mulheres de dois em dois pelas casas, dizendo publicamente as faltas que fizeram a seus maridos, e umas a outras, e pedindo perdão delas. Em chegando o feiticeiro com muita festa ao lugar entra-se em uma casa obscura, e põe uma cabaça que traz em figura humana, em parte mais conveniente para seus enganos, e mudando sua própria voz como de menino, e junto da cabaça lhes diz, que não cuidem de trabalhar, nem vão à roça, que o mantimento por si crescerá, e que nunca lhes faltará que comer, e que por si virá a caça;

[...] E acabando de falar o feiticeiro, começam a tremer, principalmente as mulheres com grandes tremores em seu corpo, que parecem endemoniadas, como decerto o são, lançando-se em terra, espumando pelas bocas: e nisto os persuade o feiticeiro, que então lhes entra a santidade: e em quem isto não faz, têm-no a mal. E depois lhe oferecem muitas coisas. E nas enfermidades dos gentios usam também estes feiticeiros de muitos enganos e feitiçarias. Estes são os maiores contrários que cá temos.

[...] Não têm conhecimento de glória, nem inferno, somente dizem, que depois de morrer vão descansar em um bom lugar; e em muitas coisas guardam a lei natural. Nenhuma coisa própria têm que não seja comum; e o que um tem há de repartir com os outros, principalmente se são coisas de comer, das quais nenhuma coisa guardam para outro dia, nem cuidam de entesourar riquezas. A suas filhas nenhuma coisa dão em casamento, antes os genros ficam obrigados a servir a seus sogros. Qualquer cristão que entra em suas casas dão-lhe de comer o que têm, e uma rede lavada em que durma.

São castas as mulheres a seus maridos. Têm memória do dilúvio mas falsamente, porque dizem que cobrindo-se a terra de água, uma mulher com seu marido, subiram em um pinheiro, e depois de minguidas as águas desceram, e desses procederam todos os homens e mulheres: têm mui poucos vocábulos para lhe poder bem declarar nossa fé: mas contudo dão-se-la a entender o melhor que podemos e algumas coisas lhes declaramos por rodeios. Estão muito apegados com as coisas sensuais, muitas vezes me perguntam se Deus tem cabeça, e corpo, e mulher, e se come, e de que se veste e outras coisas semelhantes.

3. “Carta grande” do padre Francisco Xavier, escrita em Cangoxima aos irmãos do Colégio de São Paulo de Goa, no ano de 1549 a 5 de Novembro.²

[...] Do Japão pola experiência que da terra temos vos faço saber o que dela temos alcançado. Primeiramente, a gente que ategora temos conversado é a melhor, que ategora está descoberta, e me parece que antre gente infiel não se achará outra, que ganhe aos Japões. É gente de mui boa conversação, geralmente boa, e não maliciosa, gente de honra muito à maravilha, e estimam mais a honra que nenhuma outra cousa: é gente pobre em geral, e a pobreza entre os fidalgos, e entre os que o não são não a têm por afronta. Tem ãa cousa, que nenhũa das partes dos Cristãos me parece que têm, e é esta, que os fidalgos, por mui pobres que sejam, e os que não são fidalgos, por muitas riquezas que tenham, tanta honra fazem ao fidalgo mui pobre, quanta lhe fariam se fosse rico: e por nenhum preço casaria um fidalgo mui pobre com outra casta, que não seja

² Esta carta, em tradução portuguesa, foi impressa na edição das *Cartas de 1570: Cartas que os padres e irmãos da Companhia de Iesu, que andão nos Reynos de Iapão escreverão aosda mesma Companhia da India, e Europa, des do anno de 1549 ate o de 66* (Coimbra: Antonio de Mariz). Em castelhano, foi publicada pela primeira vez em 1551, também em Coimbra, sob o título *Copia de unas cartas del padre mestre Frãcisco, y del padre M. Gaspar; y otros padres dela companhia de Iesu, que escrivieron de la India a los Hermanos del colégio de Iesus, de Coimbra. Tresladadas de Portugues en Castellano*.

fidalga, ainda que lhe dessem muitas riquezas: e isto fazem por lhes parecer que perdem de sua honra, casando com casta baixa. De maneira que mais estimam honra que as riquezas. É gente de muitas cortesias uns com os outros: prezam-se muito das armas, e confiam muito nelas: sempre trazem espadas e punhais, e isto toda a gente, assi fidalgos, como gente baixa: de idade de quatorze anos trazem já espada e punhal. É gente que não sofre injúrias nenhãs, nem palavras ditas com desprezo: a gente que não é fidalga tem muito acatamento aos fidalgos: e todos os fidalgos se prezam muito de servir ao Senhor da terra, e são mui sujeitos a ele: isto me parece que fazem por lhes parecer que fazendo o contrário perdem de sua honra, mais que polo castigo que do senhor receberiam, se o contrário fizessem. É gente sóbria no comer, ainda que no beber são algum tanto largos, e bebem vinho de arroz, porque não há vinhos nestas partes. São homens que nunca jogam, porque lhes parece que é grande desonra, pois os que jogam desejam o que não é seu, e daí podem vir a ser ladrões. Juram pouco, e quando juram é polo Sol: muita parte da gente sabe ler, e escrever, que é um grande meio pera com brevidade aprender as orações, e as cousas de Deus. Terra é donde há poucos ladrões, e isto pola muita justiça, que fazem nos que acham que o são, porque a nenhum dão vida: aborrece-lhes muito em grande maneira este vício de furtar. É gente de muito boa vontade, muito conversável, e muito desejosa de saber; folgam muito de ouvir cousas de Deus, principalmente quando as entendem.

De quantas terras tenho vistas em minha vida, assi dos que são Cristãos, como dos que o não são, nunca vi gente tão fiel acerca do furtar. *Não adoram ídolos em figura de animálias.*³ Creem os mais deles em homens antigos, os quais, segundo tenho alcançado, eram homens que viveram como filósofos: muitos destes adoram o Sol, e outros a Lũa: folgam de ouvir cousas conformes a rezão: e dado que haja vícios e pecados antre eles, quando lhes dão rezão, mostrando-lhes que o que eles fazem é mal feito, lhes parece bem o que a rezão defende. Menos pecados acho nos seculares, e mais obedientes os vejo à rezão, do que são os que eles aqui têm por padres e sacerdotes, que eles chamam bonzos, *os quais são inclinados a pecados que a natureza aborrece, e eles o confessam: e é tão público e manifesto a todos, assim homens como mulheres, crianças e adultos, que por estar mui em costume não se espantam, nem o têm em ódio. Folgam muito os que não são bonzos de ouvir-nos repreender aquele abominável pecado parecendo-lhes que temos muita razão em dizer quão maus são, e quanto ofendem a Deus os que cometem este pecado. Aos Bonzos muitas vezes dizemos, que não façam pecados tão feios: e eles com tudo o que dizemos passam por graça, porque se riem disso, e não têm nenhuma vergonha de ouvir repreensões de pecados tão feios. Têm estes Bonzos muitos meninos em seus monastérios filhos de cavaleiros, que ensinam a ler, e escrever, e com estes cometem suas maldades. Há entre eles uns que se trajam à maneira de frades, os quais andam vestidos de hábitos pardos todos raspados, que parece que cada três ou quatro dias se raspam assim a cabeça toda, como a barba. Estes vivem mui à larga, têm congregação de mulheres da mesma ordem, e vivem com elas juntamente: e o povo tem-nos em muito ruim conta, parecendo-lhes mal tanta conversação com elas. Dizem todos os leigos que quando alguma destas se sente*

³ Em itálico, as passagens suprimidas na edição das *Cartas* de 1570.

prenha, toma medicina com que logo mal pare. Isto é muito público, e a mim me parece, segundo o que tenho visto em este monastério que aqui está, que o povo tem muita razão em o que deles pensa. Estes que andam vestidos como frades, e outros Bonzos que andam vestidos como clérigos, se querem mal uns a outros.

De duas cousas me espantei muito nesta terra. A primeira ver quão grandes pecados se tem em pouco: e a causa é, porque os passados se acostumaram viver em eles, dos quais os presentes tomaram exemplo: vede como a continuação nos vícios que são contra a natureza corrompe os naturais, assi também o contínuo descuido nas imperfeições destrói, e desfaz a perfeição. A segunda, ver que os leigos vivem melhor em seu estado do que vivem os bonzos no seu: e com ser isto manifesto, é pera maravilhar a estima em que os têm: há muitos outros erros e males entre estes bonzos, e os que mais sabem, os tem maiores. Com alguns dos mais sábios falei muitas vezes, principalmente com um, a quem todos nestas partes têm muito acatamento, assi por suas letras, vida, e dignidade que tem, como pola muita idade, que é de oitenta anos, e se chama Ninxit, que quer dizer em língua de Japão, coração de verdade: é antre eles como Bispo, e se o nome lhe quadrasse seria bem-aventurado. Em muitas práticas que tivemos o achei duvidoso em não saber se determinar, se nossa alma é imortal, ou se morre juntamente com o corpo, algũas vezes me dizia que si, outras que não, temo-me que não sejam assi os outros letrados. Este Ninxit é tanto meu amigo que é maravilha. Todos, assi leigos, como bonzos, folgam muito conosco, e se espantam muito em grande maneira em ver como viemos a terras tão longe, como é de Portugal a Japão, que são mais de seis mil léguas, somente pera falar das cousas de Deus, e como as gentes hão de salvar suas almas, crendo em IESU Cristo, dizendo que isto a que nós viemos a estas terras é cousa mandada por Deus.

Hũa cousa vos faço saber, pera que deis muitas graças a Deus nosso senhor, que esta ilha de Japão está mui disposta pera em ela se acrescentar muito nossa santa fê, e se nós soubéssemos falar a língua não ponho dúvida nenhũa em crer, que se fariam muitos Cristãos: prazerá a Deos nosso senhor que aprenderemos em breve, que já começamos a gostar dela, e declaramos os dez mandamentos em quarenta dias, que nos demos a aprendê-la.

Esta conta vos dou tão miúda pera que todos deis graças a Deus nosso senhor, pois se descobrem partes, em as quais vossos santos desejos se possam empregar, e cumprir: e também pera que vos aparelheis de muitas virtudes, e desejos de padecer muitos trabalhos por servir a Cristo nosso Redentor, e Senhor. [...]